



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

LUIS VENICIUS WARREN BEZERRA

**APROXIMAÇÕES METODOLÓGICAS AO ENSINO DO SURF COMO
CONTEÚDO DA EDUCAÇÃO FÍSICA**

Recife
2026

LUIS VENICIUS WARREN BEZERRA

**APROXIMAÇÕES METODOLÓGICAS AO ENSINO DO SURF COMO
CONTEÚDO DA EDUCAÇÃO FÍSICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Licenciatura em Educação Física
da Universidade Federal Rural de Pernambuco,
como requisito parcial para obtenção do título
de licenciado em Educação Física.

Orientador (a): Prof. Me. Eduardo Jorge Souza
da Silva

Recife
2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Bibliotecário(a): Suely Manzi – CRB-4 809

B574a Bezerra, Luis Venicius Warren.

Aproximações metodológicas ao ensino do surf como conteúdo da educação física / Luis Venicius Warren Bezerra. – Recife, 2026.
55 f.; il.

Orientador(a): Eduardo Jorge Souza da Silva.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em Educação Física, Recife, BR-PE, 2026.

Inclui referências.

1. *Surf*. 2. Educação física - Estudo e ensino. 3. Pedagogia . 4. Educação física escolar 5. Inovações educacionais. I. Silva, Eduardo Jorge Souza da, orient. II. Título

LUIS VENICIUS WARREN BEZERRA

**APROXIMAÇÕES METODOLÓGICAS AO ENSINO DO SURF COMO
CONTEÚDO DA EDUCAÇÃO FÍSICA**

Aprovado em: 02 /07 /2026

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Andrea Carla de Paiva
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof. Dr. Allan Delmiro Barros
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof. Me. Eduardo Jorge Souza da Silva - Orientador
Universidade Federal Rural de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

Gostaria, primeiramente, de agradecer ao meu orientador, Eduardo Jorge, por sempre acreditar no meu potencial e me motivar a continuar este trabalho, acreditando nele mesmo quando muitos duvidaram de que fosse possível. Obrigado, Eduardo, por muitas vezes ter sido mais do que um orientador. Agradeço por cada “puxão de orelha” que o senhor me deu para que eu pudesse evoluir cada vez mais; serei eternamente grato. O senhor me fez ir muito além daquilo que eu esperava ser, ajudando-me a me tornar não apenas um pesquisador melhor, mas também uma pessoa melhor. Em cada desafio que surgiu ao longo dessa trajetória, o senhor esteve presente, orientando, incentivando e mostrando caminhos para que eu pudesse superá-los. Fez com que eu buscasse me aperfeiçoar constantemente, permitindo que esta pesquisa se desenvolvesse da melhor forma possível. Minha gratidão será eterna, meu amigo.

Agradeço aos meus companheiros de graduação, que muitas vezes foram minha família. Em todos os momentos difíceis pelos quais passei, inclusive nos períodos de profunda tristeza e desânimo, vocês estiveram ao meu lado. Obrigado, colegas. Sem vocês, eu não estaria escrevendo este trabalho nem concluindo meu curso. Vocês foram uma das minhas maiores inspirações para seguir em frente.

Agradeço aos meus companheiros dos grupos de pesquisa SAFE e GPFCE por todo o apoio recebido ao longo dessa caminhada. Deixo um agradecimento mais que especial aos professores Aluísio Henrique Rodrigues de Andrade Lima e Breno Quintella Farah, por todo o suporte e por sempre me motivarem a ser melhor. Serei eternamente grato a vocês. Obrigado por cada conselho, cada orientação e cada “puxão de orelha”; tudo isso contribuiu para que eu me tornasse um profissional melhor a cada dia.

Agradeço também ao professor Allan Delmiro, pois, durante a disciplina de ESO, ele me disse algo que ficou marcado em minha memória e me motivou a continuar este trabalho: “Luís, se está difícil, continue; esse é um sinal de que você está no caminho certo”. Desde aquele dia, recordo-me dessa frase a cada linha escrita neste trabalho.

Abro este espaço para agradecer à minha dupla de estágio, que, com o tempo, tornou-se uma figura paterna para mim. Obrigado, Thiago Mendes, por todos os ensinamentos, por toda

a ajuda e por todos os puxões de orelha. Você foi fundamental em diversos momentos dessa trajetória.

Agradeço aos meus professores da graduação, que me ajudaram não apenas a me tornar um pesquisador melhor, mas também uma pessoa melhor. Um agradecimento especial ao professor Sergio Cahú, que, em um dos momentos mais difíceis da minha vida, quando pensei que perderia minha mãe, me acolheu e me ajudou a enfrentar aquela situação. Agradeço à professora Andreia Paiva por ter me motivado a continuar este trabalho. Agradeço também às professoras Maria José, Maria Helena, Ana Luiza, por todo o apoio oferecido.

Por fim, agradeço aos meus amigos pelo suporte, pela parceria e por todos os momentos felizes compartilhados ao longo dessa jornada: Thiago Luiz Ferreira Mendes, Alyson Daniel Nascimento de Araújo, Flaviana dos Santos Pessoa, João Vitor Siqueira Lira Nascimento, Luiz Guilherme do Nascimento França, Miqueias Lins Bezerra de Almeida, Wemerson dos Santos, João Guilherme Baracho Jordão, Lucas Matheus, Arthur Souza, Anderson Cavalcante e Cirlene Araújo.

Agradeço à minha família por todo o apoio que me deram durante essa longa trajetória. Obrigado, mãe, pai e irmã, por estarem ao meu lado em todos os momentos e por tornarem essa conquista possível.

Este trabalho carrega um pouco de cada um de vocês. Foi um privilégio viver essa trajetória ao lado de pessoas tão especiais. Muito obrigado por fazerem parte da minha história.

RESUMO

O presente estudo analisa as possibilidades de tratamento do surf como conteúdo de ensino da Educação Física escolar, fundamentando-se nos pressupostos da Pedagogia Histórico-Crítica e da abordagem Crítico-Superadora. A problemática central estrutura-se a partir de uma contradição: apesar de o surf constituir uma legítima manifestação da cultura corporal e estar amparado normativamente pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), constata-se uma histórica omissão e invisibilidade desse conhecimento nos currículos da Educação Básica e na formação inicial docente. Caracterizada como uma pesquisa qualitativa de campo, a investigação foi desenvolvida por meio da realização de duas oficinas pedagógicas (uma teórica e uma prática) com graduandos em Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), utilizando questionários estruturados como instrumentos diagnósticos antes e após a intervenção pedagógica. Os resultados evidenciaram uma dupla negação do acesso ao conhecimento, uma vez que 100% dos participantes relataram nunca ter tido contato com o surf na Educação Básica e a grande maioria também não o vivenciou ao longo da graduação, gerando insegurança metodológica para a futura docência. Contudo, após a intervenção, os dados demonstraram uma superação das barreiras iniciais: os participantes passaram a reconhecer o surf como um conteúdo perfeitamente viável de ser sistematizado e ensinado na escola, independentemente do acesso direto ao ambiente marítimo. Conclui-se que as limitações para o trato desse conteúdo decorrem da ausência de oportunidades formativas na graduação e não de uma impossibilidade pedagógica, reforçando a necessidade de ampliar o acesso às Práticas Corporais de Aventura para garantir a democratização do patrimônio cultural corporal.

Palavras-chave: Surf. Educação Física. Conteúdo de ensino. Pedagogia Histórico-Crítica.

ABSTRACT

This study analyzes the possibilities of treating surfing as a teaching content in school Physical Education, based on the theoretical frameworks of Historical-Critical Pedagogy and the Critical-Surpassing approach. The central problem is structured around a contradiction: although surfing constitutes a legitimate manifestation of body culture and is normatively supported by the National Common Curricular Base (BNCC), there is a historical omission and invisibility of this knowledge in Basic Education curricula and initial teacher training. Characterized as qualitative field research, the investigation was developed through two pedagogical workshops (one theoretical and one practical) with undergraduate students in Physical Education from the Federal Rural University of Pernambuco (UFRPE), using structured questionnaires as diagnostic instruments before and after the pedagogical intervention. The results evidenced a double denial of access to knowledge, given that 100% of the participants reported never having had contact with surfing during Basic Education, and the vast majority also did not experience it throughout their undergraduate studies, generating methodological insecurity for their future teaching practice. However, after the intervention, the data demonstrated a overcoming of the initial barriers: participants began to recognize surfing as a perfectly viable content to be systematized and taught in schools, regardless of direct access to the marine environment. It is concluded that the limitations for addressing this content stem from the absence of training opportunities during undergraduate education rather than a pedagogical impossibility, reinforcing the need to expand access to Adventure Bodily Practices to ensure the democratization of the cultural bodily heritage.

Keywords: Physical Education. Teaching content. Historical-Critical Pedagogy.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Porcentagem dos brasileiros que praticaram esportes ou atividades Físicas.	19
Figura 2 – Plinto de Ginástica	32
Figura 3 – Posição Base do Surf	33
Figura 4 – Remada	34
Figura 5 – Pop – Up	35
Figura 6 – Equilíbrio e Deslocamento	36
Figura 7 – Gráfico 1	43
Figura 8 – Gráfico 2	44
Figura 9 – Gráfico 3	44
Figura 10 – Gráfico 4	45
Figura 11 – Gráfico 5	46
Figura 12 – Tabela 1	48

SUMÁRIO

1.0	Introdução	14
2.0	Justificativa	17
3.0	Objetivos	17
3.1	Objetivo Geral	17
3.2	Objetivo Especifico	17
4.0	Desenvolvimento	19
4.1	O que seria uma sociedade de classe	19
4.2	Função social da escola	20
4.3	Natureza e especificidade da escola	21
4.4	A importância da transmissão–assimilação do saber sistematizado	21
4.5	Implicações para a educação física: o caminho até o surf	22
5.0	Método e procedimentos metodológicos	24
5.1	Oficina 1: oficina teórica	28
5.1.1	Problematização inicial	29
5.1.2	Desenvolvimento da oficina	29
5.2	Oficina 2: oficina prática	30
5.2.1	Desenvolvimento da oficina	31
5.2.2	Gestos técnicos trabalhados	32
5.2.3	Base do surf	33
5.2.4	Remada do surf	34
5.2.5	Pop-up	35
5.2.6	Equilíbrio e deslocamento	36
5.2.7	Reflexão final	37
5.4	Relato da Oficina	38
6.0	Análise de dados do primeiro questionário	42
7.0	Análise do dados do segundo questionario	48
8.0	Conclusão	54
9.0	Referências	57

1. INTRODUÇÃO

A Educação Física escolar enquanto componente curricular da Educação Básica, e conforme a abordagem Crítico-Superadora tem como objeto de ensino a cultura corporal, aqui compreendida como o conjunto de conhecimentos produzidos historicamente pela humanidade e expressos nesta abordagem por meio de jogo, esporte, dança, luta, ginástica. Usaremos e explicaremos também o uso do termo práticas¹ corporais de aventura

No âmbito curricular, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reconhece as Práticas Corporais de Aventura como conteúdo da Educação Física escolar, compreendendo-as como conhecimentos que possibilitam aos estudantes vivenciar e refletir sobre diferentes formas de relação entre ser humano, corpo, natureza e sociedade.

No plano geral, trataremos o como sendo compreendido como uma das manifestações da **cultura corporal**, constituindo uma possibilidade legítima de ensino no contexto da Educação Física escolar.

Entretanto, nem todos os conhecimentos da cultura corporal chegam à escola de maneira igualitária. Algumas práticas corporais são amplamente difundidas no contexto escolar, enquanto outras permanecem restritas a determinados grupos sociais, regiões geográficas ou condições econômicas específicas. Como praticante do surf, tendo passado pela educação básica, e hoje como estudante da graduação/licenciatura em Educação Física, observo muito preliminarmente que o surf ainda possui pouca visibilidade nos debates relacionados ao ensino dos conteúdos da Educação Física escolar e à formação inicial de professores, questão que será tratada ao longo deste trabalho.

O surf pode ser compreendido como uma atividade humana, uma prática corporal que extrapola a dimensão estritamente esportiva. Sua constituição histórica permite reconhecê-lo como uma manifestação cultural produzida e transformada ao longo do tempo por diferentes

¹A nomenclatura “Práticas Corporais de Aventura” não é empregada originalmente pela abordagem Crítico-Superadora, que defende os conteúdos da Educação Física formulados a partir do conceito de cultura corporal, e seus temas Jogo, Esporte, Dança, Luta, Ginástica. Entretanto, por se tratar da terminologia adotada pelo documento curricular vigente, a BNCC, ela será utilizada ao longo deste estudo para se referir às práticas corporais desenvolvidas em interação com ambientes naturais ou urbanos que envolvem desafios, riscos controlados e exploração do meio.

grupos sociais. De acordo com a literatura especializada, suas origens estão associadas aos povos da Polinésia, sendo posteriormente difundido para diferentes regiões do mundo, onde passou a assumir características próprias em função dos distintos contextos históricos, sociais e culturais.

Junto com os aspectos técnicos relacionados à sua prática esportiva, o surf envolve conhecimentos históricos, culturais, ambientais e corporais. Sua realização exige a compreensão de elementos relacionados ao corpo, às condições climáticas, aos oceanos, às ondas e à interação entre ser humano e natureza. Ao mesmo tempo, essa prática é permeada por relações sociais, valores, identidades e formas específicas de apropriação cultural construídas historicamente em torno desse fenômeno.

Neste sentido, ao abordar o surf como conteúdo da Educação Física, torna-se possível oportunizar aos estudantes o acesso a conhecimentos históricos, culturais, ambientais e corporais e esportivos a ele relacionados, contribuindo para a ampliação de seu repertório cultural e para uma compreensão mais crítica das relações estabelecidas entre ser humano, sociedade e natureza.

Em que pese esse reconhecimento curricular e a possibilidade pedagógica associada ao surf, a inserção desse conhecimento nos processos de escolarização e na formação inicial de professores de Educação Física constitui uma questão que demanda investigação. Nesse sentido, torna-se necessário compreender em que medida esse conteúdo tem sido efetivamente trabalhado nesses espaços formativos e quais são as possibilidades e os desafios para sua sistematização como objeto de ensino.

Assim, o surf pode ser entendido como um conhecimento da cultura corporal que reúne múltiplas dimensões da experiência humana, não se restringindo à aprendizagem de técnicas ou ao desempenho esportivo. Tal característica amplia suas possibilidades pedagógicas e contribui para justificar sua abordagem como conteúdo de ensino da Educação Física escolar.

Consideramos importante reafirmar que a escolha do tema desta pesquisa está relacionada tanto a aspectos acadêmicos quanto à trajetória pessoal do pesquisador. O surf está presente na vida de muitas pessoas desde a infância, constituindo-se como uma prática fundamental para formação humana. Por meio dessa experiência, foram desenvolvidos valores como respeito ao próximo, disciplina, persistência, cooperação, responsabilidade e cuidado

com a natureza. Contudo, ao ingressar no curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), foi possível perceber um problema que ao nosso entender, deveria ser tratado de forma sistemática como tema de nosso TCC.

Tal problema que se apresenta para nós como uma contradição importante: sendo praticante do surf e reconhecendo seu potencial educativo, nos propomos a entender de maneira mais consistente os motivos da inexistência nenhum momento da nossa formação o surf foi tratado, nem como conteúdo a ser ensinado na escola, e menos ainda como conhecimento da formação inicial de um futuro professor de Educação Física.

Essa constatação despertou uma inquietação que acompanhou todo o processo formativo. Se o surf é reconhecido como parte da cultura corporal, possui material educativo e encontra respaldo nos documentos curriculares nacionais, por que sua presença ainda é tão limitada na escola e na formação de professores? Além disso, seria possível ensinar e vivenciar conhecimentos relacionados ao surf em contextos escolares que não possuem acesso direto ao ambiente marítimo? Essas questões tornaram-se centrais para o desenvolvimento deste estudo.

Dessa forma, este trabalho surge também como uma tentativa de proporcionar aos futuros professores de Educação Física uma experiência que o próprio pesquisador não teve durante sua graduação. Mesmo reconhecendo as limitações impostas pela ausência do ambiente natural da prática, busca-se demonstrar que o surf pode ser abordado pedagogicamente por meio do estudo de sua história, de seus aspectos culturais, de seus atletas, de seus gestos técnicos e das relações que estabelece com a sociedade e com a natureza. Assim, pretende-se oferecer aos participantes uma primeira aproximação com esse conteúdo, possibilitando que compreendam suas potencialidades educativas e ampliem seu repertório de conhecimentos para a futura atuação docente.

À luz da Pedagogia Histórico-Crítica e da abordagem crítico-superadora, entende-se que a função da escola consiste em garantir o acesso ao conhecimento historicamente produzido, permitindo que os estudantes se apropriem criticamente dos diferentes elementos da cultura humana. Nessa perspectiva, o ensino do surf não se justifica apenas pela prática esportiva em si, mas pelo conjunto de conhecimentos, valores e significados que essa manifestação cultural carrega. Sua inserção na Educação Física escolar representa uma possibilidade de democratização do acesso à cultura corporal, contribuindo para a formação científica, cultural e humana dos estudantes.

Diante disso, o presente trabalho tem como intento a analisar do surf como conteúdo da Educação Física escolar, discutindo suas uma possibilidade metodológica para seu trato pedagógico na forma de oficina, ensino, considerando aproximações à delimitação de seus conteúdos e busca-se refletir sobre os desafios e as potencialidades de sua inserção no contexto educacional, especialmente em realidades onde o acesso ao mar é limitado, defendendo que esse conhecimento pode ser sistematizado, ensinado e vivenciado por meio de estratégias pedagógicas adequadas. Com isso, espera-se contribuir para a ampliação das possibilidades de ensino da Educação Física e para a formação de professores comprometidos com a democratização do acesso aos conhecimentos da cultura corporal.

2. JUSTIFICATIVA

Este estudo se justifica pela possibilidade de ampliar o repertório de conteúdos de ensino da Educação Física, valorizando o surf como conhecimento e reconhecendo seu potencial como ferramenta formativa e cultural. Busca-se, ainda, oferecer subsídios teórico-metodológicos para professores e futuros licenciados, contribuindo para uma prática pedagógica mais crítica, inclusiva e conectada à realidade sociocultural dos estudantes.

3. OBJETIVOS

3.1 GERAL

O surf como conteúdo de ensino da Educação Física, a partir dos princípios didático metodológicos da Abordagem Crítico-Superadora.

3.2 ESPECÍFICOS

- Estabelecer relações entre escola, Educação Física e Abordagem Crítico-Superadora
- Sistematizar uma proposta de conteúdos para o ensino do surf na educação física

4. DESENVOLVIMENTO

4.1 O QUE SERIA UMA SOCIEDADE DE CLASSES?

Segundo José Paulo Netto (2011), uma sociedade de classes constitui-se a partir das formas históricas pelas quais os seres humanos produzem suas condições materiais de existência. Nesse processo, os indivíduos se organizam em grupos sociais que ocupam posições distintas e desiguais no interior das relações de produção. Essa desigualdade não se limita ao

plano econômico, mas se expressa também nas dimensões sociais, políticas e culturais da vida em sociedade.

Dermeval Saviani (2008. p. 44–47) reforça que tais diferenças não decorrem de características naturais ou individuais, mas são resultado histórico da divisão social do trabalho. Em uma sociedade capitalista, uma classe social detém os meios de produção, enquanto outra depende da venda de sua força de trabalho para garantir sua sobrevivência. Essa estrutura gera desigualdades profundas no acesso aos bens materiais e simbólicos produzidos socialmente.

Ao analisar essa realidade no contexto brasileiro, dados do IBGE (2015) evidenciam que o acesso às práticas corporais e esportivas também é atravessado pela posição de classe. Apenas 37,9% da população com mais de 15 anos pratica algum tipo de esporte, sendo que esse percentual varia significativamente conforme renda e escolaridade. Entre pessoas sem instrução formal, apenas 17,3% são praticantes, enquanto entre aquelas com ensino superior completo o índice chega a 56,7%. Esses dados demonstram, na prática, que o acesso à cultura corporal não é igualitário, mas condicionado pelas desigualdades estruturais da sociedade de classes.

Figura 1 – Porcentagem dos brasileiros que praticaram esportes ou atividades Físicas.



Fonte: IBGE, 2015.

Dessa forma, compreende-se que as práticas corporais, assim como o conhecimento escolar, não estão distribuídas de maneira homogênea. Elas se inserem em um contexto marcado por desigualdades históricas que limitam o acesso de amplos setores da população aos bens culturais produzidos pela humanidade.

Tais desigualdades vão se expressar escola, que na sua função específica é o local privilegiado para tratar os fenômenos da cultura como conhecimento a serem ensinados e aprendidos.

4.2 FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA

Em uma sociedade marcada por profundas desigualdades, a escola assume uma função social específica. De acordo com a pedagogia histórico-crítica, sua principal função é possibilitar o acesso ao saber elaborado, historicamente produzido pela humanidade. Saviani (2005, p. 12) afirma que “a função da escola é socializar o conhecimento historicamente produzido, de modo a permitir que os alunos se elevem do nível do senso comum ao nível do conhecimento científico”.

Essa função não se realiza de forma automática. Ao contrário, exige intencionalidade pedagógica e organização sistemática do ensino. Caso a escola se limite à reprodução de experiências cotidianas ou a atividades desarticuladas do conhecimento científico, corre o risco de reforçar as desigualdades existentes, mantendo os estudantes restritos a explicações imediatas e fragmentadas da realidade.

Saviani (2008, p. 49) destaca que o senso comum se caracteriza por uma compreensão espontânea, prática e muitas vezes acrítica do mundo, construída a partir da experiência cotidiana. Já o conhecimento científico permite apreender a realidade em sua totalidade, identificando suas determinações históricas, sociais e econômicas. Ele possibilita ao estudante compreender os fenômenos para além da aparência imediata.

Nesse sentido, ao elevar o aluno do senso comum ao conhecimento científico, a escola contribui para o desenvolvimento da consciência crítica, ampliando as possibilidades de compreensão e intervenção na realidade social. Negar esse acesso significa limitar a formação humana, especialmente das classes trabalhadoras, que historicamente tiveram seus direitos educacionais negados.

Tal compreensão encontra respaldo na Pedagogia Histórico-Crítica, que defende a escola como espaço privilegiado para a socialização do saber historicamente produzido, possibilitando aos indivíduos ampliar sua compreensão da realidade e desenvolver formas mais elaboradas de pensamento.

4.3 NATUREZA E ESPECIFICIDADE DA ESCOLA

A especificidade da escola, segundo a pedagogia histórico-crítica, reside na transmissão e assimilação sistemática do conhecimento. Para Saviani (2008, p. 13), a atividade própria da

escola é o trabalho educativo, entendido como o ato de “produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens”.

Isso significa que não basta ao estudante apenas vivenciar experiências práticas ou situações do cotidiano. É necessário que tenha acesso ao conhecimento elaborado, sistematizado e organizado historicamente, pois é esse saber que possibilita o desenvolvimento de novas formas de pensar, agir e se relacionar com o mundo.

Esse processo se desenvolve especificamente na instituição escolar e se concretiza por meio da prática pedagógica. A prática pedagógica, nesse sentido, não se reduz à execução de atividades, mas consiste na mediação intencional entre o conhecimento produzido historicamente e o estudante, visando sua apropriação consciente.

A partir das contribuições de Vygotsky (2001, p. 241–247), compreende-se que a apropriação dos conceitos científicos promove o desenvolvimento das funções psíquicas superiores, como o pensamento abstrato, a memória voluntária e a atenção consciente. Assim, a transmissão do conhecimento não assume um caráter autoritário, mas constitui uma condição fundamental para o desenvolvimento humano e para a ampliação da liberdade dos sujeitos.

Tais sujeitos podem ser compreendidos, conforme destaca Martins (2013, p. 9-13), como indivíduos que se constituem historicamente por meio da apropriação dos conhecimentos, valores e instrumentos culturais produzidos pela humanidade. Nessa perspectiva, o desenvolvimento psíquico não ocorre de forma espontânea ou natural, mas depende das mediações sociais e educativas que possibilitam o acesso ao patrimônio cultural historicamente acumulado. A escola, portanto, assume papel fundamental nesse processo ao garantir a transmissão dos conhecimentos sistematizados necessários à formação humana.

4.4 A IMPORTÂNCIA DA TRANSMISSÃO–ASSIMILAÇÃO DO SABER SISTEMATIZADO

A transmissão–assimilação do saber sistematizado ocupa um lugar central na proposta da pedagogia histórico-crítica. Saviani (2008, p. 45-49) argumenta que o ensino dos conteúdos escolares não pode ser compreendido como mera repetição mecânica de informações, mas como um processo mediado que visa à apropriação consciente do conhecimento pelos estudantes.

Newton Duarte (2011, p. 48-51) reforça que o acesso ao conhecimento clássico e científico é condição indispensável para a formação humana plena. Negar esse acesso, sob o argumento de valorizar apenas a experiência imediata ou os interesses espontâneos dos alunos, significa limitar suas possibilidades de desenvolvimento intelectual e crítico. Para o autor, é justamente o contato com o saber sistematizado que permite ao estudante superar explicações fragmentadas da realidade.

Nesse sentido, a transmissão do conhecimento não se opõe à autonomia ou à emancipação, mas constitui sua base material. Ao se apropriar dos conhecimentos historicamente produzidos, o estudante amplia sua capacidade de compreender a realidade social, identificar suas contradições e atuar de forma mais consciente no mundo.

Aplicada ao campo da Educação Física, essa compreensão implica reconhecer que as práticas corporais devem ser ensinadas como conhecimentos e não apenas vivenciadas de forma espontânea. A transmissão–assimilação do saber sistematizado permite que os alunos compreendam as práticas corporais em sua dimensão histórica, social e cultural, superando uma visão restrita ao desempenho ou ao entretenimento.

4.5 IMPLICAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA: O CAMINHO ATÉ O *SURF*

Ao considerar a Educação Física como componente curricular da educação básica, torna-se necessário explicitar o que se entende por conteúdo de ensino. Parafraseando o *Dicionário Crítico da Educação Física* (2012, p. 94), conteúdo refere-se ao conjunto de conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade que são selecionados e organizados pedagogicamente para serem apropriados pelos estudantes no contexto escolar. Dessa forma, o conteúdo não se confunde com a simples atividade realizada em aula, mas envolve conceitos, procedimentos, valores e significados socialmente construídos.

Nessa perspectiva, a Educação Física, enquanto componente curricular, tem como objeto de ensino a cultura corporal. Conforme explicitado no *Dicionário Crítico da Educação Física* (2012, p. 90), cabe a essa área tratar pedagogicamente das práticas corporais (como jogo, esporte, dança, luta, ginástica e práticas corporais de aventura) compreendendo-as como produções humanas carregadas de historicidade, intencionalidade e contradições sociais. Assim, a Educação Física escolar não pode se limitar à vivência espontânea do movimento, devendo assegurar o acesso ao conhecimento sistematizado sobre essas práticas.

Carolina Picchetti (2014, p. 128-232), ao tratar da caracterização dos conteúdos da Educação Física escolar, afirma que esses conteúdos devem ser compreendidos como conhecimentos que precisam ser organizados didaticamente, respeitando a lógica interna das práticas corporais e suas determinações históricas e sociais. Para a autora, ensinar um conteúdo da Educação Física implica explicitar sua origem, seus sentidos culturais, suas regras sociais, seus gestos técnicos e os valores que o constituem, possibilitando que o estudante compreenda a prática para além de sua execução imediata.

A partir dessa compreensão, o surf pode ser reconhecido como um conteúdo legítimo da Educação Física escolar. Trata-se de uma prática corporal historicamente construída, que envolve uma relação específica entre corpo e natureza, marcada por técnicas corporais próprias, normas sociais, valores culturais e formas particulares de interação com o meio aquático. Enquanto manifestação da cultura corporal, o surf expressa modos de vida, identidades e significados que precisam ser apropriados criticamente pelos estudantes.

A tese de Carolina Nozella Gama (2015, p. 175-203), especialmente no capítulo 4, contribui de forma decisiva para essa discussão ao destacar que o ensino dos conteúdos deve estar orientado por princípios teórico-metodológicos que assegurem sua sistematização no contexto escolar. A autora enfatiza que o conteúdo da Educação Física não pode ser tratado de maneira fragmentada ou ocasional, mas deve ser organizado a partir de objetivos claros, seleção criteriosa dos conhecimentos e estratégias de ensino que articulem teoria e prática.

Nesse sentido, o ensino do surf na escola não se reduz à prática esportiva em si, tampouco depende exclusivamente da presença do ambiente marítimo. O conteúdo pode ser sistematizado por meio do estudo de sua historicidade, da compreensão de suas regras sociais, da análise dos gestos técnicos, da discussão sobre segurança, da leitura das ondas como conhecimento ambiental e da reflexão sobre sua inserção social e cultural. Dessa forma, mesmo em contextos afastados do litoral, é possível garantir o acesso dos estudantes ao conhecimento sobre o surf.

Ao tratar o surf como conteúdo da Educação Física escolar, a escola cumpre sua função social de democratizar o acesso ao saber, ampliando o repertório cultural corporal dos alunos e rompendo com a lógica que restringe determinadas práticas a grupos sociais específicos. Assim, o ensino do surf articula-se com os princípios da pedagogia histórico-crítica, na medida em que possibilita a transmissão–assimilação de um conhecimento historicamente produzido,

contribuindo para a formação humana e para a construção de uma consciência crítica acerca do corpo, da natureza e da sociedade.

5. MÉTODO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa orienta-se a título de “primeiras aproximações” ao método do materialismo histórico dialético, como “investigação e exposição”, conforme discutido por José Paulo Netto (2011).

Segundo o autor, o processo de produção das relações sociais numa sociedade de classes é desigual, cheio de contradições, e não ocorre de maneira imediata ou espontânea, mas exige um movimento de apreensão crítica da realidade. Nesse sentido, a investigação corresponde ao momento em que o pesquisador busca compreender o objeto em suas múltiplas determinações históricas, sociais e culturais, enquanto a exposição refere-se à reorganização teórica desse conhecimento, apresentando-o de forma sistematizada e coerente.

Partindo dessa compreensão, o método adotado neste trabalho busca realizar um movimento que vai do mais geral ao mais específico. Assim, tentamos compreender o surf não analisando-o isoladamente, mas como uma manifestação da cultura corporal inserida em determinadas condições históricas e sociais.

Assim, iniciamos a análise pela compreensão da sociedade de classes e de suas implicações sobre o acesso ao conhecimento, passando pela discussão acerca da função social da escola e da Educação Física escolar, até chegar ao objeto específico desta pesquisa: Compreender e explicar o surf como conteúdo de ensino.

No interior desse processo metodológico, é importante compreender a diferença entre o empírico e o concreto pensado. O empírico corresponde ao contato imediato com a realidade, isto é, aquilo que inicialmente aparece aos sentidos e à experiência cotidiana. No caso desta pesquisa, podem ser considerados elementos empíricos a negação do surf na escola, a desigualdade de acesso às práticas corporais e os dados estatísticos relacionados ao esporte no Brasil. Entretanto, para além da aparência imediata, o método busca alcançar o concreto pensado, entendido como a compreensão da realidade em suas determinações mais profundas. Assim, não se trata apenas de constatar que o surf é pouco presente no ambiente escolar, mas de compreender as relações históricas, sociais e educacionais que produzem essa realidade.

Nesse sentido, torna-se importante diferenciar método de procedimentos metodológicos. Enquanto o método corresponde à orientação teórica geral que conduz a investigação, os procedimentos metodológicos dizem respeito às estratégias, técnicas e instrumentos utilizados ao longo da pesquisa. Assim, o método de investigação e exposição fundamenta a compreensão do objeto estudado, enquanto os procedimentos metodológicos organizam concretamente a forma de coleta, análise e sistematização das informações.

Quanto à natureza da pesquisa, este estudo caracteriza-se como pesquisa dialética marxista. Segundo Minayo (2001, p. 21-22), a pesquisa [...] trabalha com o universo dos significados, motivos, crenças, valores e atitudes, buscando compreender aspectos da realidade. Nessa perspectiva, a presente investigação procura compreender as percepções e possibilidades relacionadas ao ensino do surf como conteúdo da Educação Física escolar, considerando suas dimensões históricas, culturais e pedagógicas. Conforme destaca Triviños (1987, p. 121), a pesquisa busca compreender os fenômenos em seu contexto, valorizando os significados atribuídos pelos sujeitos às suas experiências.

Do ponto de vista dos procedimentos metodológicos, a pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa de campo. Segundo Triviños (1987, p. 128-133), a pesquisa de campo possibilita ao pesquisador aproximar-se diretamente da realidade investigada, permitindo a produção de informações no contexto em que os fenômenos ocorrem. Neste estudo, o campo da pesquisa foi delimitado pelas oficinas pedagógicas com estudantes do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), possibilitando a aproximação dos participantes com os conhecimentos relacionados ao surf como conteúdo da Educação Física escolar.

A construção do referencial teórico foi realizada entre outros, a partir do estudo de autores vinculados ao materialismo histórico-dialético, à Pedagogia Histórico-Crítica e à Educação Física escolar. As contribuições de José Paulo Netto (2011), Dermeval Saviani (2008), Newton Duarte (2011), Carolina Picchetti (2014) e Carolina Nozella Gama (2015), forneceram os fundamentos necessários para a compreensão do objeto estudado e para a análise das informações produzidas ao longo da pesquisa.

Como instrumento de coleta de informações, foi utilizado um questionário diagnóstico aplicado antes do desenvolvimento das oficinas. O questionário consistiu em um conjunto de perguntas elaboradas com o objetivo de identificar os conhecimentos prévios, as experiências

e as percepções dos participantes acerca do surf e de suas possibilidades de ensino no contexto escolar. Sua utilização justificou-se pela necessidade de compreender o ponto de partida dos estudantes, permitindo que as oficinas fossem organizadas de acordo com os conhecimentos já existentes e possibilitando a análise das mudanças de percepção ocorridas ao longo do processo formativo.

A utilização desse instrumento dialoga com os pressupostos da Pedagogia Histórico-Crítica, uma vez que o processo educativo deve partir da realidade concreta dos sujeitos para possibilitar a apropriação do conhecimento sistematizado. Nesse sentido,

Se os membros das camadas populares não dominam os conteúdos culturais, eles não podem fazer valer os seus interesses, porque ficam desarmados contra os dominadores, que se servem exatamente desses conteúdos culturais para legitimar e consolidar a sua dominação. O dominado não se liberta se ele não vier a dominar aquilo que os dominantes dominam. Então, dominar o que os dominantes dominam é condição de libertação.
(SAVIANI, 1988, p. 66).

Desse modo, o questionário não foi utilizado apenas como um instrumento de levantamento de informações, mas também como uma forma de identificar quais conhecimentos relacionados ao surf já estavam presentes entre os participantes e quais necessitariam ser sistematizados ao longo das oficinas pedagógicas.

Além disso, o questionário contribui para a construção de uma intervenção mais coerente com a realidade dos participantes, favorecendo a mediação entre o conhecimento cotidiano e o conhecimento sistematizado.

Além disso, este estudo se justifica pela necessidade de ampliar o repertório da Educação Física, valorizando o surf como conteúdo escolar e reconhecendo seu potencial como ferramenta formativa e cultural. Busca-se, ainda, oferecer subsídios teórico-metodológicos para professores e futuros licenciados, contribuindo para uma prática pedagógica mais crítica, inclusiva e conectada à realidade sociocultural dos estudantes.

Ainda no contexto da metodológica da pesquisa, utilizamos oficinas pedagógicas como procedimentos orientados ao ensino. Conforme Taffarel, Escobar e França (1995), as oficinas constituem uma possibilidade de organização do processo de ensino que permite a participação ativa dos sujeitos e a problematização dos conhecimentos trabalhados. As autoras afirmam:

"As oficinas de construção de atividades corporais & esportivas, brinquedos/materiais, espaços/locais, caracterizam-se por serem realizadas em

horários especiais, que ultrapassam o tempo de uma hora, sendo desenvolvidas em finais de semana, em feriados, ou dias especiais. Demandam uma organização prévia, do que vai ser necessário e pressupõe acordos anteriores. Oportuniza ações com a participação de mais de uma série, reunindo crianças e jovens de diferentes faixas etárias e sexo, podendo ser realizado tanto no pátio da escola, como em locais comunitários-praças, ruas, terrenos baldios-ou em instalações esportivas." (TAFFAREL; ESCOBAR; FRANÇA, 1995, p. 126-127).

Além disso, ao discutirem a problematização como elemento constitutivo das oficinas, as autoras destacam:

"Problematizar significa vivenciar e reconhecer os elementos constitutivos de um problema, reconhecer os nexos mantidos entre si desses elementos constitutivos, reconhecer suas determinações e circunstâncias históricas e, a partir daí, construir possibilidades de ações." (TAFFAREL; ESCOBAR; FRANÇA, 1995, p. 127).

Essa compreensão aproxima-se dos fundamentos da Pedagogia Histórico-Crítica, uma vez que o processo educativo não se limita à vivência imediata dos sujeitos, mas busca possibilitar a apropriação dos conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade. Nesse sentido, Saviani afirma:

"O trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens." (SAVIANI, 2008, p. 13).

Desse modo, as oficinas pedagógicas desenvolvidas nesta pesquisa foram organizadas não apenas para proporcionar vivências relacionadas ao surf, mas para possibilitar a apropriação crítica dos conhecimentos historicamente produzidos sobre essa prática corporal. A problematização, o estudo de seus aspectos históricos e culturais e a experimentação dos gestos técnicos constituíram momentos articulados de um mesmo processo de ensino, orientado pela socialização do conhecimento sistematizado e pela ampliação do repertório cultural dos participantes.

A escolha das oficinas pedagógicas justifica-se por sua coerência com a necessidade de tratar os conteúdos da Educação Física como conhecimentos sistematizados. Ao articular teoria e prática, essa estratégia metodológica possibilita que os estudantes compreendam o surf para além de sua dimensão esportiva imediata, reconhecendo seus aspectos históricos, culturais, técnicos e sociais. Além disso, as oficinas demonstram que o ensino do surf pode ser desenvolvido no contexto escolar mesmo sem acesso direto ao ambiente marítimo, embora se reconheça que essa ausência impõe limites à experiência prática da modalidade.

A proposta metodológica foi organizada em duas oficinas complementares e articuladas entre si. Onde a primeira oficina teve caráter teórico e será desenvolvida em sala de aula, abordando aspectos históricos, culturais, técnicos e educacionais do surf. E a segunda oficina teve o caráter prático e será realizada em espaço adequado, permitindo a vivência de gestos técnicos básicos da modalidade, como remada, pop-up, base e equilíbrio, por meio de simulações corporais pedagogicamente orientadas.

Desse modo, a metodologia adotada articula método, procedimentos metodológicos e estratégia de ensino, garantindo coerência entre os fundamentos teóricos da pesquisa e sua aplicação prática. Ao utilizar o método de investigação e exposição, associado à pesquisa e à utilização de oficinas pedagógicas, o estudo reafirma o compromisso com uma Educação Física orientada pela socialização do conhecimento, pela formação humana e pela ampliação do acesso às manifestações da cultura corporal.

5.1 OFICINA 1: OFICINA TEÓRICA (SALA DE AULA)

Objetivos:

- Compreender o surf como manifestação da cultura corporal;
- Discutir aspectos históricos, culturais e educacionais do surf;
- Refletir sobre as possibilidades do ensino do surf na Educação Física escolar;
- Apresentar os gestos técnicos básicos da modalidade.

Espaço:

- Sala de aula climatizada.

Materiais necessários:

- Projetor multimídia;
- Notebook/computador;
- Caixa de som;
- Quadro branco;
- Pilotos para quadro.

5.1.1 Problematização inicial

- A oficina se deu iniciou a partir da seguinte questão problematizadora:
- “Se o surf é um conhecimento cultural e educativo, por que ele quase não aparece na escola?”
- A partir dessa questão, serão conduzidas discussões com os estudantes acerca de temas como:
 - Quem possui acesso ao surf;
 - O surf enquanto manifestação cultural e não apenas esportiva;
 - As possibilidades de ensinar o surf fora do ambiente marítimo;
 - O papel da Educação Física escolar no acesso às manifestações da cultura corporal.

5.1.2 Desenvolvimento da oficina

Inicialmente, foi realizada uma exposição dialogada acerca da origem histórica do surf, abordando seu surgimento, suas transformações ao longo do tempo e seu processo de difusão mundial. Em seguida, foram apresentados vídeos relacionados à história do surf em âmbito internacional e à trajetória da modalidade no Brasil, possibilitando aos estudantes compreenderem o surf para além de sua dimensão esportiva imediata.

Posteriormente, discutiu-se a inserção (ou ausência) do surf no contexto escolar, problematizando as desigualdades de acesso às práticas corporais e promovendo reflexões sobre o papel da escola na democratização do conhecimento. Na sequência, foram apresentados os principais gestos técnicos básicos da modalidade, como remada, pop-up, base e equilíbrio, utilizando imagens, vídeos e explicações conceituais para facilitar a compreensão dos estudantes.

Após esse momento, foi realizado um quiz² interativo, no qual os estudantes identificaram os gestos técnicos observados nos vídeos e imagens apresentados. A atividade teve como objetivo reforçar a compreensão dos conteúdos trabalhados de forma participativa e dinâmica.

² Um quiz é um jogo rápido ou questionário de perguntas e respostas. Ele tem o objetivo de avaliar conhecimentos, testar habilidades ou entreter o público de forma interativa. Podem ser aplicados em diversas áreas, desde entretenimento em redes sociais até avaliações educacionais

Ao final da oficina, retomou-se a questão problematizadora inicial, conduzindo uma reflexão coletiva acerca das possibilidades pedagógicas do ensino do surf na Educação Física escolar. Buscou-se, com isso, levar os estudantes a compreenderem que, mesmo fora do ambiente marítimo, o surf pode ser tratado como um conteúdo sistematizado da cultura corporal, sendo possível abordar seus aspectos históricos, culturais, técnicos e educacionais no contexto escolar.

5.2 OFICINA 2: OFICINA PRÁTICA

Objetivo

- Experimentar e compreender os gestos técnicos básicos do surf por meio de simulações corporais, possibilitando aos estudantes uma aproximação prática com a modalidade e a compreensão dos conhecimentos abordados na oficina teórica.

Espaço

- Sala de prática do Departamento de Educação Física da UFRPE, equipada com tatame, proporcionando segurança durante a execução dos movimentos;
- Ventilador, assegurando condições adequadas de conforto térmico aos participantes.

Materiais necessários

- Tatame;
- Plinto de ginástica (parte acolchoada), utilizado para simular a prancha de surf;
- Quadro branco;
- Dois pilotos para quadro;
- Ventilador.

5.2.1 Desenvolvimento da oficina

Inicialmente, foi realizada uma retomada dos conteúdos abordados na Oficina 1, revisando aspectos históricos, culturais e técnicos do surf, bem como os gestos técnicos apresentados anteriormente. Esse momento teve como objetivo estabelecer uma continuidade entre as oficinas e reforçar os conhecimentos já discutidos.

Em seguida, foi iniciada a vivência prática dos gestos técnicos básicos da modalidade. Os estudantes foram convidados a executar os movimentos da forma como acreditavam ser correta, considerando os conhecimentos construídos durante a primeira oficina. Posteriormente,

o pesquisador realizou a demonstração dos gestos técnicos, explicando seus aspectos fundamentais e orientando os estudantes quanto à execução adequada dos movimentos.

Após a demonstração, os participantes realizaram novamente os gestos técnicos, recebendo orientações e correções individualizadas sempre que necessário. Buscou-se, com isso, proporcionar uma execução mais adequada dos movimentos e favorecer uma experiência positiva de aproximação com a modalidade. Considerando que, para muitos estudantes, aquele representava o primeiro contato prático com o surf, tornou-se importante que o processo de aprendizagem ocorresse de forma acolhedora, segura e prazerosa, minimizando possíveis frustrações e estimulando a participação dos envolvidos.

Dessa maneira, as correções não assumiram caráter de cobrança por desempenho, mas de mediação pedagógica voltada à compreensão dos movimentos e à construção da confiança dos estudantes durante a prática.

Para a simulação da prancha, será utilizada a parte acolchoada de um plinto de ginástica, permitindo a realização de movimentos como remada, pop-up, posicionamento na prancha e equilíbrio corporal. A utilização desse material busca aproximar os estudantes de algumas das ações motoras presentes no surf, respeitando as condições concretas do ambiente escolar.

Figura 2 – PLINTO DE GINÁSTICA



Fonte: DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

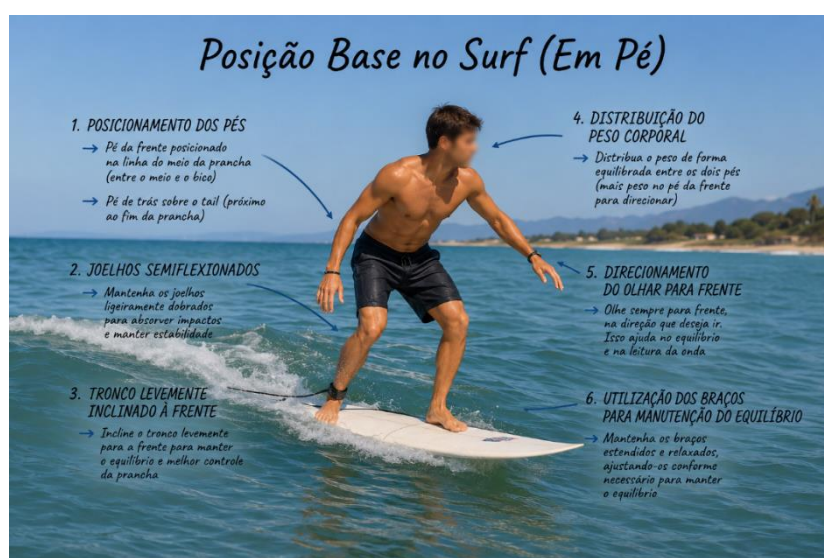
5.2.2 Gestos técnicos tratados

Os gestos técnicos foram feitos de forma progressiva, iniciando no tatame e, posteriormente, sendo executados sobre a parte acolchoada do plinto de ginástica, utilizada para simular a prancha de surf. Essa progressão teve como objetivo proporcionar maior segurança aos participantes e facilitar a compreensão dos movimentos antes da execução em uma superfície elevada.

5.2.3 Posição básica (base do surf)

Inicialmente, os estudantes foram orientados a assumir a posição básica do surf sobre o tatame. Foram apresentados os dois tipos de base mais comuns da modalidade (regular e goofy), permitindo que cada participante identifique a posição mais confortável para sua execução.

Figura 3 – Posição base do surf



Fonte: Elaborado pelo autor com auxílio de inteligência artificial (ChatGPT, OpenAI, 2026).

Durante a atividade, serão enfatizados os seguintes aspectos:

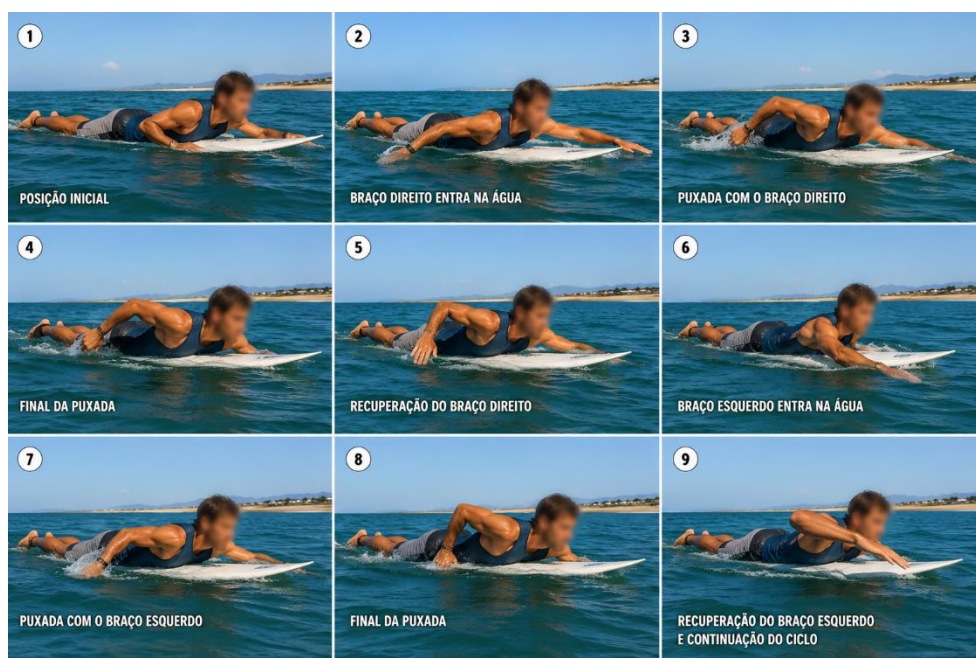
- Posicionamento dos pés;
- Joelhos semiflexionados;
- Tronco levemente inclinado à frente;
- Distribuição do peso corporal;
- Direcionamento do olhar para frente;
- Utilização dos braços para manutenção do equilíbrio.

Após a execução no tatame, o participante repetiu movimento sobre o plinto, simulando a permanência em pé sobre uma prancha

2.3.4 Remada (simulação no solo)

A remada foi inicialmente realizada sobre o tatame, com os estudantes posicionados em decúbito ventral (de barriga para baixo), reproduzindo a postura utilizada durante o deslocamento na água.

Figura 4 – Remada



Fonte: Elaborado pelo autor com auxílio de inteligência artificial (ChatGPT, OpenAI, 2026).

Serão tratados os seguintes elementos:

- Alinhamento corporal;
- Elevação do tronco;
- Ativação da musculatura abdominal;
- Movimento alternado dos braços;
- Coordenação motora dos membros superiores.

Após a compreensão da técnica, a atividade foi transferida para o plinto, permitindo aos estudantes experimentar uma posição mais próxima daquela utilizada em uma prancha de surf.

Durante toda a execução, serão realizadas orientações sobre a importância da postura corporal para a eficiência do deslocamento e para a preparação do movimento seguinte, o pop-up (drop).

2.3.5 Pop-up (Movimento de subida na prancha)

O pop-up foi apresentado como o movimento responsável pela transição entre a posição deitada e a posição em pé na prancha.

Figura 5 – Drop ou Pop-up



Fonte: Elaborado pelo autor com auxílio de inteligência artificial (ChatGPT, OpenAI, 2026).

Inicialmente, o gesto foi ensinado de forma fragmentada, permitindo que os estudantes compreendam cada fase do movimento:

Fase 1 (1): posicionamento das mãos próximas ao peito;

Fase 2(2): extensão dos braços e elevação do tronco;

Fase 3(3): deslocamento simultâneo dos pés para a posição de base;

Fase 4(9): estabilização do corpo na posição básica.

Após a aprendizagem das etapas isoladas, os participantes executarão o movimento completo de forma contínua.

Primeiramente, a atividade foi realizada sobre o tatame e, posteriormente, sobre o plinto, aproximando a experiência das condições encontradas na prática do surf.

Durante a atividade, foram realizadas demonstrações e correções individualizadas para auxiliar os estudantes na compreensão do gesto técnico.

5.3.6 Equilíbrio e deslocamento

Após a aprendizagem dos movimentos anteriores, foram propostas atividades voltadas ao desenvolvimento do equilíbrio e do controle corporal.

Figura 6 – Deslocamento



Fonte: Elaborado pelo autor com auxílio de inteligência artificial (ChatGPT, OpenAI, 2026).

Os participantes permanecem inicialmente na posição básica, realizando exercícios que envolvem:

- Transferência de peso entre os membros inferiores;
- Flexão e extensão dos joelhos;

- Mudanças de direção simuladas;
- Ajustes posturais;
- Utilização dos braços para estabilização corporal.

Posteriormente, as atividades foram realizadas sobre o plinto, simulando situações semelhantes às vivenciadas durante a permanência sobre a prancha.

O objetivo dessa etapa foi desenvolver a consciência corporal, o equilíbrio dinâmico e a coordenação motora, aspectos fundamentais para a prática do surf.

5.3.7 Reflexão final

Ao término da oficina, foi retomada a questão problematizadora apresentada na primeira Oficina

“Se o surf é um conhecimento cultural e educativo, por que ele quase não aparece na escola?”

A partir dessa questão, foi promovido um momento de diálogo coletivo, no qual os estudantes foram convidados a refletir sobre os conhecimentos construídos ao longo das duas oficinas. Buscou-se identificar se as percepções iniciais sobre o surf haviam sido modificadas após o contato com seus aspectos históricos, culturais, técnicos e educacionais, bem como após a vivência prática dos gestos técnicos básicos da modalidade.

Nesse momento, os participantes foram estimulados a discutir se o surf deveria ser compreendido apenas como um esporte praticado no ambiente marítimo ou se poderia ser reconhecido como um conhecimento pertencente à cultura corporal e, portanto, passível de ser ensinado no contexto escolar. Também foram problematizadas as condições de acesso ao conteúdo, os fatores sociais que historicamente limitaram sua difusão e o papel da escola na democratização do acesso aos conhecimentos produzidos pela humanidade.

Além disso, discutiu-se se a ausência do mar inviabilizaria completamente o ensino do surf ou se determinados conhecimentos da modalidade poderiam ser apropriados por meio de estratégias pedagógicas adequadas. Observou-se que os estudantes passaram a reconhecer que o ensino do surf não se restringe à prática esportiva em seu contexto original, envolvendo

também conhecimentos relacionados à sua história, aos seus gestos técnicos, aos seus valores culturais, à sua relação com a natureza e à sua inserção social.

Por fim, a reflexão evidenciou que a Educação Física escolar possui a responsabilidade de ampliar o repertório cultural dos estudantes, garantindo o acesso a diferentes manifestações da cultura corporal. Dessa forma, observou-se que os participantes passaram a compreender o surf como um conteúdo legítimo da Educação Física escolar, reconhecendo seu potencial para contribuir com a formação humana, a ampliação do conhecimento e a construção de uma compreensão mais crítica acerca das práticas corporais presentes na sociedade.

5.4 Relato das Oficinas

A Oficina 1 teve início com a contextualização de tudo o que seria trabalhado ao longo das duas oficinas, explicando aos participantes os objetivos da proposta, o motivo de sua organização dessa forma e a importância do tema para a formação em Educação Física. Após essa apresentação inicial, foi lançada uma provocação que norteou toda a discussão: **“Se o surf é um conhecimento cultural e educativo, por que ele quase não aparece na escola?”**.

As respostas dos participantes variaram entre a falta de materiais, a ausência do mar como espaço para a prática, questões estruturais das escolas e a falta de preparação dos professores de Educação Física para trabalhar esse conteúdo. Diante dessas colocações, foi informado que essa discussão seria retomada posteriormente, ao final das oficinas, para verificar se essas percepções permaneceriam as mesmas ou se sofreriam alguma alteração após os conteúdos e vivências propostos.

Ao longo da apresentação, os participantes foram constantemente provocados por questionamentos presentes na própria estrutura da oficina. De modo geral, as respostas convergiam para alguns pontos em comum: a falta de experiência com a modalidade, a ausência de formação específica³. As dificuldades estruturais e, principalmente, a incerteza sobre como ensinar o surf fora do ambiente marinho. Embora a maioria demonstrasse uma visão aberta para a possibilidade de ensinar o surf na escola, permanecia uma barreira importante: muitos

³ Trata-se de disciplinas optativas oferecidas ao longo do curso, que possibilitam ao estudante aprofundar seus conhecimentos em práticas corporais e esportivas de seu interesse. Entre essas disciplinas estão modalidades como basquetebol, rúgbi, entre outras. Diferentemente das disciplinas obrigatórias, as optativas permitem que o aluno escolha conteúdo específicos para ampliar sua formação em áreas que deseja conhecer melhor ou que não foram abordadas de forma aprofundada na matriz curricular obrigatória.

acreditavam que seria possível ensinar, mas não sabiam exatamente como isso poderia ser feito na prática.

À medida que eram apresentados aspectos relacionados à história do surf, sua cultura, seus atletas e suas possibilidades pedagógicas, tornou-se perceptível uma mudança gradual na forma como os participantes compreendiam a modalidade. As limitações inicialmente apontadas começavam a perder força, e novas perspectivas surgiam durante os diálogos. Alguns comentários feitos pelos participantes evidenciaram essa mudança de compreensão:

Tal mudança de compreensão, pode ser exemplificada nos seguintes comentários feitos pelos participantes ao final da primeira oficina: “Mostrando a história dessa forma na escola daria muito certo. ”

“Olhando assim agora, acredito que os alunos conhecerem o surf é importante, porque não temos apenas relevância mundial com nossos atletas, mas também uma importância cultural. E quem mora em Recife e em regiões próximas ao litoral tem até mais facilidade para se aproximar da prática. ”

Essas falas foram importantes porque demonstraram que muitas das barreiras inicialmente apresentadas estavam começando a ser superadas. Entretanto, durante a própria discussão surgiu um ponto que os participantes consideravam fundamental: conhecer e experimentar os gestos técnicos da modalidade. Alguns chegaram a comentar que aquilo seria a “cereja do bolo”, pois, apesar de compreenderem melhor a história, a cultura e as possibilidades pedagógicas do surf, ainda não haviam tido nenhum contato prático com os movimentos característicos da modalidade. Essa ausência continuava sendo vista como uma limitação para que se sentissem seguros em ensinar o conteúdo futuramente.

Ao final da primeira oficina, os participantes destacaram justamente essa necessidade de experimentar os movimentos corporalmente. Muitos relataram que, até aquele momento, os gestos técnicos haviam sido apresentados apenas por meio de imagens, vídeos e explicações teóricas. Dessa forma, a segunda oficina surgiu como uma intencionalidade pedagógica do processo iniciado anteriormente, buscando transformar em vivência aquilo que havia sido discutido conceitualmente.

A oficina 2 teve início com uma retomada dos conteúdos trabalhados anteriormente. Foram feitas algumas perguntas relacionadas à história do surf, aos atletas apresentados e aos

gestos técnicos discutidos na oficina anterior. O objetivo não era avaliar os participantes ou verificar quem acertava ou errava as respostas, mas identificar se os conhecimentos apresentados haviam sido assimilados e sistematizados. Mesmo quando surgiam dúvidas, os conteúdos eram retomados e aprofundados, principalmente aqueles que seriam importantes para a vivência prática que seria realizada em seguida.

O primeiro gesto técnico trabalhado foi **a base do surf**. Inicialmente, **foi estabelecida uma relação entre a base do surf e a importância da base em outras práticas corporais, especialmente nas lutas**. Foi discutido que, assim como ocorre em diferentes modalidades, a base representa um elemento fundamental para o equilíbrio, o controle corporal e a execução eficiente dos movimentos. Após essa contextualização, foi solicitado que os participantes executassem a base da forma como acreditavam ser correta.

Depois dessa primeira tentativa, foram realizados questionamentos sobre o posicionamento dos pés, a postura adotada e os motivos que levaram cada participante a executar o movimento daquela maneira. Somente após esse momento foi realizada a demonstração da base, primeiro no tatame e, posteriormente, utilizando a parte acolchoada do plinto como uma simulação da prancha de surf. Em seguida, todos repetiram o movimento e receberam correções individualizadas sempre que necessário.

Na sequência, foi trabalhada **a remada**. Para facilitar a compreensão do gesto, foi estabelecida uma aproximação com o deslocamento realizado no **nado crawl**, destacando que, em ambas as situações, os membros superiores desempenham papel fundamental na propulsão do corpo. Entretanto, foi ressaltado que a remada do surf possui características próprias, uma vez que é realizada em posição deitada sobre a prancha e exige controle postural para manter o equilíbrio e o alinhamento corporal durante o deslocamento.

Inicialmente, os participantes demonstraram como acreditavam que a remada deveria ser realizada. Em seguida, foi apresentada a técnica do movimento, enfatizando aspectos como o posicionamento do corpo sobre a prancha, a elevação do tronco para ampliação do campo visual, o alinhamento corporal e a ação alternada dos braços para promover a propulsão. O gesto foi praticado primeiramente no tatame e, posteriormente, sobre o plinto, permitindo uma aproximação mais próxima da posição adotada durante a prática do surf.

Posteriormente, foi ensinado o movimento de subida na prancha, conhecido entre os praticantes como **drop** ou **pop-up**. Durante a explicação, foi destacado que esse é um movimento bastante individual e que diferentes surfistas podem executá-lo de maneiras distintas. Por esse motivo, foram apresentadas duas possibilidades de execução. A primeira consistia em trazer a perna pela lateral do corpo até formar a base. A segunda consistia em posicionar diretamente o pé entre as mãos durante a subida. Os participantes puderam experimentar ambas as formas e escolher aquela com a qual se sentiam mais confortáveis. Assim como nos movimentos anteriores, a prática foi realizada tanto no tatame quanto sobre o plinto.

Após a aprendizagem desses movimentos, foi realizada uma atividade integrando todos os gestos técnicos trabalhados até aquele momento. Os participantes simularam uma situação próxima daquela encontrada no surf, iniciando com a remada, realizando o movimento de subida na prancha e finalizando na posição de base. O objetivo foi possibilitar uma compreensão mais integrada dos movimentos e de sua sequência dentro da modalidade.

Em seguida, foram trabalhados aspectos relacionados ao **equilíbrio e ao deslocamento sobre a prancha**. Foram demonstradas diferentes formas de transferência de peso corporal, ajustes na posição dos braços, flexão dos joelhos e adaptações corporais utilizadas para direcionar a prancha. Também foram apresentadas algumas situações específicas da modalidade, permitindo que os participantes compreendessem melhor a lógica dos movimentos realizados durante o surf.

Após a vivência dos gestos técnicos, foi realizada uma roda de conversa. Nesse momento, retomou-se a questão apresentada na primeira oficina: **“Se o surf é um conhecimento cultural e educativo, por que ele quase não aparece na escola?”**. A intenção foi verificar se as percepções iniciais haviam mudado após os momentos teóricos e práticos.

Durante essa conversa, ficou evidente uma mudança significativa na forma como os participantes compreendiam a modalidade. Muitos relataram sentir-se mais confiantes para abordar o surf em futuras intervenções pedagógicas e passaram a visualizar possibilidades concretas para seu ensino. Também foram discutidas alternativas para adaptação das atividades em contextos escolares que não dispõem de equipamentos específicos. Além do plinto utilizado na oficina, foram apresentadas possibilidades como bancos escolares, colchonetes, tatames e

até mesmo papelão reforçado, materiais que podem ser utilizados para proporcionar uma primeira aproximação com os gestos técnicos da modalidade.

Também foram compartilhados materiais de apoio relacionados à história do surf, documentários, vídeos e outras fontes de consulta que poderiam auxiliar os participantes em futuros estudos sobre a temática.

Uma das percepções mais marcantes ao longo das oficinas foi observar o entusiasmo crescente dos participantes à medida que compreendiam as possibilidades de ensino do surf fora do ambiente marítimo. Conforme os gestos técnicos eram apresentados, praticados e adaptados à realidade escolar, tornava-se mais evidente para o grupo que o ensino do surf não depende exclusivamente do contato com o mar. Ao final das oficinas, muitos participantes demonstravam uma visão mais aberta e mais segura sobre a inserção dessa prática na escola. Isso permitiu perceber que, quando o conhecimento é apresentado de forma sistematizada e acompanhado de experiências concretas, barreiras que inicialmente pareciam intransponíveis passam a ser vistas como desafios pedagógicos possíveis de serem enfrentados.

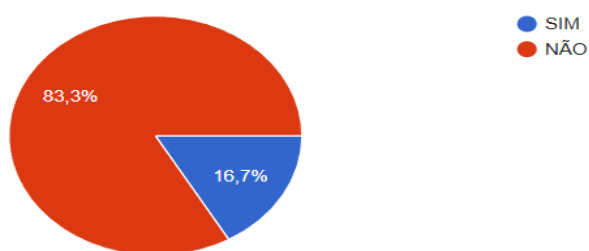
6.0 ANÁLISE DE DADOS DO PRIMEIRO QUESTIONÁRIO

Com base nos dados coletados no questionário diagnóstico ($n = 6$), é possível identificar uma **baixa aproximação dos participantes com o surf enquanto conteúdo da Educação Física**, tanto durante a Educação Básica quanto na formação inicial em Educação Física. Os resultados reforçam a necessidade de iniciativas pedagógicas que ampliem o acesso a esse conhecimento, justificando a realização das oficinas propostas neste estudo

Figura 7

1 Você tem conhecimentos sobre o surfe como conteúdo de ensino da Educação Física através de artigos ou de outro tipo de produção acadêmica e/ou jornalística?

6 respostas



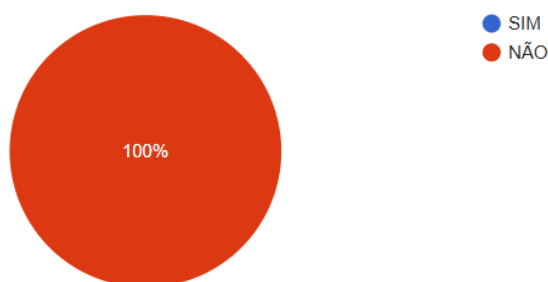
Quando questionados se possuíam conhecimentos sobre o surf como conteúdo da Educação Física por meio de artigos, produções acadêmicas ou materiais jornalísticos, **83,3% dos participantes responderam que não**, enquanto apenas **16,7% afirmaram possuir algum conhecimento prévio**. Esse resultado demonstra que o contato com produções que discutem o surf em uma perspectiva pedagógica ainda é reduzido entre os participantes

Esse dado revela uma limitação importante, pois o acesso à produção acadêmica constitui uma das formas de aproximação com o conhecimento sistematizado. Na perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica, o acesso ao saber elaborado é condição fundamental para a formação humana e para a compreensão crítica da realidade (SAVIANI, 2008, p.13).

Figura 8

2 Você teve acesso aos conhecimentos sobre o surf na educação básica?

6 respostas



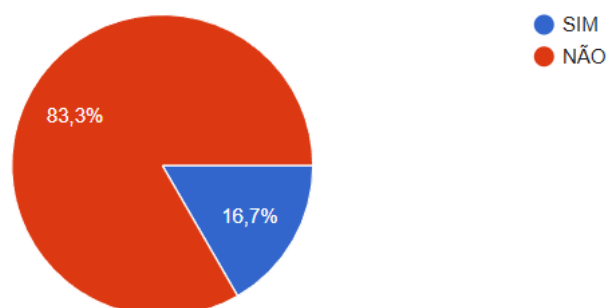
Ao serem questionados sobre o contato com conhecimentos relacionados ao surf durante a Educação Básica, **100% dos participantes responderam que não tiveram acesso a esse conteúdo**. Nenhum dos estudantes relatou ter vivenciado o surf enquanto objeto de ensino nas aulas de Educação Física escolar.

Esse resultado evidencia uma ausência total da modalidade no contexto escolar, mesmo sendo o surf uma prática corporal reconhecida pela BNCC dentro da unidade temática das práticas corporais de aventura. Os dados reforçam a discussão apresentada ao longo deste trabalho sobre a restrição de determinados conhecimentos da cultura corporal aos estudantes da educação básica até a graduação.

Figura 9

3 Você teve acesso aos conhecimentos sobre o surf na graduação em educação física?

6 respostas



Quando a pergunta foi direcionada à graduação em Educação Física, os resultados apresentaram um cenário semelhante. **83,3% dos participantes afirmaram não ter tido acesso a conhecimentos sobre o surf durante a formação universitária**, enquanto apenas **16,7% relataram algum contato com a temática**.

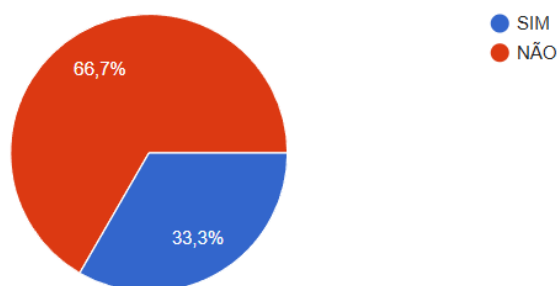
Esse resultado chama atenção porque os participantes são futuros professores de Educação Física. A ausência de discussões sobre o surf durante a formação inicial pode contribuir para a insegurança relatada pelos próprios estudantes ao pensar no ensino dessa

prática na escola. Isso ajuda a compreender por que muitos reconhecem a importância do conteúdo, mas não sabem como abordá-lo pedagogicamente.

Figura 10

4 Você acessou fora da escola atividades com o surf?

6 respostas



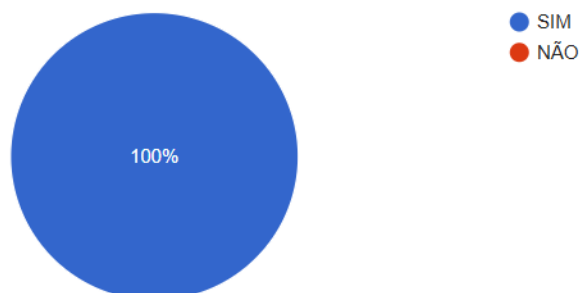
Quando a pergunta foi direcionada à graduação em Educação Física, os resultados apresentaram um cenário semelhante. **66,7% dos participantes afirmaram não ter tido acesso a conhecimentos sobre o surf durante a formação universitária**, enquanto apenas **33,3% relataram algum contato com o conteúdo surf**.

Esse resultado chama atenção porque os participantes são futuros professores de Educação Física. A ausência de discussões sobre o surf durante a formação inicial pode contribuir para a insegurança relatada pelos próprios estudantes ao pensar no ensino dessa prática na escola. Isso ajuda a compreender por que muitos reconhecem a importância do conteúdo, mas não sabem como abordá-lo pedagogicamente.

Figura 11

5 Você considera possível o ensino do surf como conteúdo de ensino da educação física?

6 respostas



Quando questionados se consideravam possível o ensino do surf como conteúdo da Educação Física escolar, **100% dos participantes responderam positivamente**, indicando que todos acreditam que a modalidade pode ser trabalhada pedagogicamente no ambiente escolar.

Os resultados do questionário evidenciam um processo contínuo de negação do acesso ao conhecimento relacionado ao surf ao longo da trajetória formativa dos participantes. Observa-se que nenhum dos estudantes teve contato com esse conteúdo durante a Educação Básica e que a grande maioria também não teve acesso a ele durante a formação inicial em Educação Física. Esses dados revelam que o surf, apesar de constituir uma manifestação da cultura corporal e estar previsto no documento da BNCC, permanece ausente dos espaços formais de ensino.

Essa ausência produz consequências que ultrapassam a formação individual dos estudantes. Ao não terem acesso a esse conhecimento na escola e, posteriormente, na universidade, futuros professores concluem sua formação sem elementos teóricos, metodológicos e práticos que lhes permitam abordar o surf como conteúdo de ensino. Como consequência, aumenta a probabilidade de que essa prática continue ausente das aulas de Educação Física, **reproduzindo um ciclo de exclusão e restrição de acesso a determinados conhecimentos da cultura corporal**

Os dados também revelam uma contradição importante: embora a totalidade dos participantes considere possível ensinar o surf na escola, a maioria afirma não possuir

conhecimentos suficientes para desenvolver esse ensino. Isso sugere que o principal obstáculo não está na aceitação do conteúdo, mas na falta de oportunidades formativas que possibilitem sua apropriação. Em outras palavras, reconhece-se a relevância pedagógica do ensino do surf, mas não se oferecem as condições necessárias para que futuros professores aprendam a ensiná-lo.

À luz da Pedagogia Histórico-Crítica, essa realidade pode ser compreendida como uma expressão das desigualdades no acesso aos conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade. Conforme argumenta Saviani (2008, p.13), a função social da escola consiste em garantir a transmissão e a assimilação do saber sistematizado. Quando determinados conteúdos deixam de ser ensinados, limita-se não apenas o repertório cultural dos estudantes, mas também as possibilidades de atuação dos futuros professores.

Nesse sentido, a ausência do surf na Educação Básica e na formação inicial contribui para a manutenção de um ciclo no qual o conteúdo não é ensinado porque os professores não tiveram acesso a ele, e os novos estudantes permanecem privados desse conhecimento.

Esta constatação trazida à tona pelos dados mostra ainda que as duas oficinas oferecidas ao longo da pesquisa se apresentaram como uma possibilidade concreta de enfrentamento dessa lacuna formativa. Ao abordar aspectos históricos, culturais, pedagógicos e técnicos do surf, as oficinas possibilitaram aos participantes uma primeira aproximação com um conhecimento que lhes havia sido negado tanto durante a Educação Básica quanto, em grande medida, durante a formação inicial.

Os resultados evidenciam que a ausência do conteúdo não decorre de uma suposta impossibilidade pedagógica de ensiná-lo, uma vez que a totalidade dos participantes reconheceu ser possível trabalhar o surf na escola. O problema parece residir justamente na falta de oportunidades formativas que permitam aos futuros professores conhecer, compreender e sistematizar esse conteúdo para sua atuação profissional. Nesse sentido, as oficinas contribuíram para demonstrar que o ensino do surf não depende exclusivamente do contato com o ambiente marítimo, podendo ser desenvolvido por meio do estudo de sua história, de seus aspectos culturais, de seus gestos técnicos e de diferentes estratégias pedagógicas adaptadas à realidade escolar.

Os dados revelam, portanto, uma contradição importante. Se, por um lado, existe reconhecimento acerca das potencialidades educativas do surf, por outro, esse conhecimento continua ocupando um espaço reduzido nos processos formativos. Tal realidade contribui para a reprodução de um ciclo no qual o conteúdo permanece ausente da escola porque os professores não tiveram acesso a ele durante sua formação, e os futuros professores, por sua vez, continuam sendo formados sem conhecer suas possibilidades pedagógicas.

Dessa forma, os resultados encontrados reforçam a necessidade de ampliar a presença das práticas corporais de aventura, especialmente do surf, tanto na formação inicial em Educação Física quanto na escola básica, possibilitando que esse conhecimento seja efetivamente socializado e apropriado pelas futuras gerações.

7. ANALISE DO DADOS DO SEGUNDO QUESTIONARIO

Figura 12

Tabela de Respostas: O Surf na Educação Física

Pergunta	Participante 1	Participante 2	Participante 3	Participante 4
1) Impressões sobre as possibilidades de ensino do surf na Educação Física	Acredita que há infinitas possibilidades, tratando da história e dos movimentos. Pode depender de espaço adequado, mas é adaptável às limitações. Tem grande potencial no ensino regular.	Satisfatória.	A participação teórica e prática mostrou que o surf pode ser trabalhado de diferentes formas, mesmo longe da praia. É possível abordar aspectos culturais, históricos e de saúde.	Acha um conteúdo viável de ser passado nas dependências da UFRPE.
2) Acesso aos conhecimentos do surf na Educação Básica (como aluno)	Não teve acesso aos conhecimentos do surf; nunca teve uma aula de surf.	Não.	Não. O surf não foi trabalhado nas aulas de Educação Física durante sua trajetória na educação básica.	Não.
3) Acesso ao conhecimento do surf na Graduação (Licenciatura)	Não teve acesso pelas cadeiras disponíveis no curso. Só foi apresentado em poucas oficinas que mostraram o conhecimento para ensinar na escola.	Não.	As oficinas contribuíram para ampliar a compreensão do tema, apresentando possibilidades metodológicas e conteúdos adaptáveis à realidade escolar.	É viável de acontecer, pois com uma sequência didática de aulas adaptadas é possível ensinar as técnicas.
4) Conteúdos selecionáveis para o espaço e tempo escolar	A história, a evolução do surf e seus movimentos básicos.	A história sim.	História do surf (origem e evolução), regras básicas, equipamentos, atividades de equilíbrio, coordenação motora, noções de movimentos, além de atividades lúdicas e simuladas.	Sim; técnicas de movimentação e postura na prancha, diferenças entre pranchas, problematização nas olimpíadas e historicidade.
5) Ampliação metodológica da oficina para o contexto escolar	Acredita que sim, dependendo do espaço e do tempo de aula disponível na escola, que podem ampliar ou limitar.	Sim.	Sim. A metodologia pode ser ampliada com atividades adaptadas ao espaço. O uso de materiais alternativos, jogos e circuitos permite o ensino sem acesso ao mar.	É possível, enquanto reconhecer os conhecimentos prévios ou não dos alunos e incluir o tema em esportes de aventura.

Se os dados do primeiro questionário evidenciaram um processo de negação do conhecimento relacionado ao surf, tanto na Educação Básica quanto na formação inicial em Educação Física, os resultados do segundo questionário permitem analisar os efeitos da intervenção pedagógica realizada por meio das oficinas. Conforme destaca Paulo Netto (2011), o conhecimento não se limita àquilo que aparece imediatamente na realidade, exigindo um movimento de investigação capaz de apreender as determinações mais profundas dos fenômenos. Nesse sentido, a análise das respostas não busca apenas identificar opiniões dos participantes, mas compreender as transformações ocorridas em sua percepção acerca do surf enquanto conteúdo de ensino da Educação Física.

Pergunta 1 - Considerando sua participação entre a primeira e a segunda oficina, descreva suas impressões sobre as possibilidades de ensino do surf como conteúdo da Educação Física.

Ao serem questionados sobre suas impressões acerca das possibilidades de ensino do surf na Educação Física, os participantes apresentaram respostas que convergem para um mesmo entendimento: o reconhecimento do surf como um conteúdo viável e pedagogicamente relevante para o contexto escolar. Um dos participantes afirma acreditar que existem “infinitas possibilidades”, destacando o trabalho com a história e os movimentos da modalidade. Outro ressalta que a experiência teórica e prática demonstrou que o surf pode ser ensinado de diferentes formas, inclusive em contextos distantes do ambiente marítimo, possibilitando a abordagem de aspectos culturais, históricos e relacionados à saúde. Os demais participantes também reconhecem seu potencial educativo e sua viabilidade enquanto conteúdo escolar.

Esse resultado revela uma mudança significativa quando comparado às discussões realizadas no início das oficinas. Inicialmente, muitos participantes demonstravam dificuldades em visualizar formas concretas de ensinar o surf fora do ambiente natural da prática. Após o acesso aos conhecimentos históricos, culturais e técnicos da modalidade, essa limitação começou a ser superada, permitindo que os estudantes identificassem diferentes possibilidades pedagógicas para seu ensino.

O dado, entretanto, produz uma questão que não pode ser ignorada: se as possibilidades de ensino aparecem de maneira tão evidente após apenas duas oficinas, por que elas não foram apresentadas ao longo da formação inicial desses futuros professores? O problema estaria realmente na complexidade do conteúdo ou na ausência de oportunidades formativas que permitam aos estudantes conhecerem essas possibilidades?

A resposta dos participantes sugere que a principal barreira não está no surf enquanto conteúdo, mas no acesso ao conhecimento sobre ele. Tal constatação dialoga diretamente com Saviani (2008, p. 13-14), ao defender que a função da educação escolar consiste em socializar os conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade. Quando um conteúdo permanece invisível durante grande parte da trajetória formativa dos estudantes, o que está em jogo não é sua inviabilidade pedagógica, mas um processo de seleção curricular que determina quais conhecimentos serão transmitidos e quais permanecerão à margem.

Pergunta 2 - Considerando suas experiências como aluno na educação básica, e o componente curricular Educação Física, você acessou os conhecimentos específicos do surf? Se sim, ou se não, descreva sua resposta.

Os resultados da segunda pergunta são contundentes. Todos os participantes afirmaram não ter tido acesso aos conhecimentos relacionados ao surf durante sua trajetória na Educação Básica. Um dos estudantes relata explicitamente que nunca teve uma aula sobre o tema, enquanto os demais respondem simplesmente que não tiveram qualquer contato com o conteúdo nas aulas de Educação Física.

A unanimidade das respostas demonstra que a ausência do surf não constitui uma experiência isolada ou circunstancial, mas um fenômeno recorrente. Trata-se de um dado particularmente relevante quando se considera que o surf integra o conjunto das manifestações da cultura corporal e pode ser compreendido, no âmbito curricular, como conteúdo relacionado às práticas corporais de aventura previstas na BNCC.

Diante desse cenário, torna-se necessário questionar: como um estudante percorre toda a Educação Básica sem entrar em contato com um conteúdo pertencente à cultura corporal? Quais conhecimentos estão ocupando esse espaço? Quais critérios determinam que determinados conteúdos sejam constantemente ensinados enquanto outros permanecem ausentes?

A partir dos fundamentos da Pedagogia Histórico-Crítica, essa realidade pode ser compreendida como uma expressão da negação do conhecimento. Saviani (2008, p. 45) afirma que a especificidade da escola está na transmissão do saber sistematizado. Quando determinados conhecimentos deixam de ser socializados, limita-se o acesso dos estudantes a parcelas importantes do patrimônio cultural produzido historicamente pela humanidade.

Nesse sentido, os dados revelam que a exclusão do surf não ocorre porque ele não possui relevância educativa, mas porque historicamente não tem sido reconhecido como um conhecimento que merece ocupar espaço nos processos de escolarização. A consequência é a restrição do repertório cultural dos estudantes e a manutenção de uma Educação Física frequentemente limitada a um conjunto reduzido de conteúdos tradicionalmente legitimados.

Pergunta 3 - Considerando sua formação na graduação - licenciatura em Educação Física, você acessou o conhecimento surf para como professor de Educação Física, ensiná-lo na escola? Se sim, ou se não, descreva sua resposta.

Se os resultados da pergunta anterior já eram preocupantes, os dados referentes à formação inicial tornam a situação ainda mais grave. Os participantes afirmam que também não tiveram acesso sistemático ao surf durante a graduação. Um deles relata que o conteúdo não foi abordado pelas disciplinas do curso, aparecendo apenas em oficinas pontuais. Outro responde simplesmente que não teve acesso. Os demais participantes destacam justamente a importância das oficinas para ampliar sua compreensão sobre o tema e apresentar possibilidades metodológicas para seu ensino.

Aqui emerge a principal contradição evidenciada por esta pesquisa. Como futuros professores poderão ensinar um conteúdo que nunca lhes foi ensinado? Como poderão democratizar o acesso a um conhecimento que lhes foi negado durante sua própria formação?

A gravidade da questão reside no fato de que a universidade ocupa o espaço responsável pela formação daqueles que posteriormente atuarão na Educação Básica. Quando a formação inicial não garante acesso a determinados conteúdos da cultura corporal, cria-se um ciclo de reprodução da negação do conhecimento. O estudante não aprende sobre o surf na escola. Posteriormente ingressa na universidade e novamente não aprende. Ao tornar-se professor, tende a reproduzir os mesmos limites que marcaram sua formação, contribuindo para que uma nova geração de estudantes também não tenha acesso ao conteúdo.

Essa realidade dialoga diretamente com a reflexão apresentada por Saviani (1988, p. 66), quando afirma que “o dominado não se liberta se ele não vier a dominar aquilo que os dominantes dominam”. Embora a discussão do autor esteja situada em um contexto mais amplo das relações sociais e educacionais, ela ajuda a compreender que a apropriação do conhecimento é condição para sua socialização. Não é possível ensinar aquilo que não se conhece.

Os dados obtidos nesta pesquisa obrigam a questionar a própria organização da formação inicial em Educação Física. Como explicar que um conteúdo reconhecido não permaneça praticamente ausente da formação docente? Por que as práticas corporais de aventura continuam ocupando espaços periféricos, frequentemente restritas a oficinas, projetos de extensão ou iniciativas individuais de alguns professores?

Mais do que um problema relacionado ao surf, os resultados revelam uma limitação estrutural da formação inicial, que continua selecionando determinados conhecimentos como centrais e relegando outros a uma posição secundária.

Pergunta 4 - Considerando a primeira e a segunda oficina, você poderia indicar quais conteúdos para o ensino do surf você poderia selecionar para fins de ensino no espaço e tempo escolar?

Quando questionados sobre quais conteúdos relacionados ao surf poderiam ser trabalhados no espaço e tempo escolar, os participantes apresentaram respostas bastante diversificadas. Foram mencionados aspectos históricos, como a origem e evolução da modalidade; conteúdos relacionados aos equipamentos utilizados; gestos técnicos; equilíbrio; coordenação motora; atividades lúdicas; regras básicas; diferenças entre pranchas e até mesmo discussões sobre sua presença nos Jogos Olímpicos.

Essas respostas demonstram que os participantes passaram a compreender o surf para além de sua dimensão esportiva imediata. O conteúdo deixou de ser associado exclusivamente à prática no mar e passou a ser reconhecido como um conhecimento composto por múltiplas dimensões passíveis de sistematização escolar.

Esse resultado dialoga diretamente com a concepção de conteúdo defendida por Picchetti (2014) ao compreender que ensinar um conteúdo da Educação Física implica abordar seus aspectos históricos, culturais, técnicos e sociais. O conteúdo não se resume à execução dos movimentos, mas envolve um conjunto de conhecimentos que podem ser apropriados criticamente pelos estudantes.

Entretanto, os resultados também produzem novas problematizações. Se os participantes foram capazes de identificar tantos conteúdos após uma intervenção relativamente breve, por que esses conhecimentos permaneceram ausentes durante anos de escolarização e

formação universitária? O surf realmente era desconhecido ou simplesmente nunca havia sido apresentado como objeto de ensino?

Os dados sugerem que o problema não está na inexistência de conteúdo, mas na própria negação do acesso a esses conhecimentos. Após terem contato com a modalidade, os participantes demonstraram capacidade de identificar elementos conceituais, procedimentais e reflexivos que poderiam compor uma proposta pedagógica consistente para a Educação Física escolar.

Pergunta 5 - Considerando metodologicamente a oficina, é possível ampliá-la para fins de ensino do conteúdo surf no espaço e tempo escolar? Se sim, ou se não, descreva sua resposta

Na última pergunta, todos os participantes reconheceram a possibilidade de adaptar a metodologia das oficinas para o contexto escolar. Foram mencionadas estratégias como o uso de materiais alternativos, jogos, circuitos, adaptações espaciais e o aproveitamento dos conhecimentos prévios dos alunos.

O resultado demonstra que os participantes passaram a compreender que a ausência do mar não inviabiliza o ensino do surf. Pelo contrário, foram capazes de identificar diferentes possibilidades de mediação pedagógica que permitiriam a aproximação dos estudantes com o conteúdo.

Todavia, essa constatação também exige uma reflexão crítica. O fato de os futuros professores precisarem recorrer constantemente a adaptações e improvisações representa apenas criatividade pedagógica ou revela a precarização histórica das condições de ensino nas escolas públicas brasileiras?

Embora a utilização de materiais alternativos seja uma estratégia legítima e frequentemente necessária, não se pode naturalizar a ausência de investimentos estruturais na Educação Física escolar. Existe uma diferença significativa entre adaptar pedagogicamente um conteúdo e aceitar passivamente a falta de condições materiais adequadas para seu desenvolvimento.

Ainda assim, os resultados demonstram um avanço importante. Os participantes deixaram de compreender a ausência do ambiente natural como uma barreira absoluta e passaram a reconhecê-la como uma limitação concreta, porém superável por meio do trabalho

pedagógico intencional. Nesse sentido, aproximam-se da compreensão apresentada por Saviani (2008, p. 13), ao definir o trabalho educativo como um ato intencional de produção da humanidade em cada indivíduo singular.

Assim, os dados do segundo questionário indicam que as oficinas contribuíram para ampliar a compreensão dos participantes sobre o surf, suas possibilidades de ensino e seu potencial enquanto conteúdo da Educação Física escolar. Mais do que aprender sobre uma modalidade específica, os futuros professores foram levados a refletir sobre os mecanismos que historicamente limitam o acesso a determinados conhecimentos da cultura corporal e sobre seu papel na superação desse processo de negação do conhecimento.

8. CONCLUSÃO

O presente estudo teve como objetivo analisar as possibilidades de inserção do surf como conteúdo de ensino da Educação Física escolar, tomando como referência os pressupostos da Pedagogia Histórico-Crítica e da abordagem crítico-superadora. Ao longo da investigação, buscou-se compreender de que maneira esse conhecimento, historicamente produzido pela humanidade e integrante da cultura corporal, pode ser sistematizado e tratado pedagogicamente mesmo em contextos que não possuem acesso direto ao ambiente marítimo.

Os dados obtidos por meio dos questionários e das oficinas pedagógicas evidenciaram que o surf ainda ocupa um espaço extremamente reduzido tanto na Educação Básica quanto na formação inicial de professores de Educação Física. A ausência de experiências relacionadas a essa prática durante o percurso formativo dos participantes revelou um processo de negação do conhecimento que se reproduz historicamente: professores que não tiveram acesso a determinados conteúdos durante sua formação tendem a encontrar maiores dificuldades para ensiná-los posteriormente em sua prática profissional. Dessa forma, determinados conhecimentos da cultura corporal permanecem restritos e acabam não chegando aos estudantes da Educação Básica.

O que mais chamou atenção ao longo da pesquisa foi que essa ausência não se apresentou como um fato isolado ou circunstancial, mas como um fenômeno recorrente em diferentes momentos da formação dos participantes. Os dados revelaram que o surf esteve ausente da trajetória escolar dos estudantes e continuou praticamente ausente durante a graduação. Trata-se de uma dupla negação do conhecimento: primeiro na Educação Básica e,

posteriormente, na formação inicial. Como consequência, futuros professores concluem sua graduação sem conhecer conteúdos que, posteriormente, também tendem a não ser ensinados por eles em suas práticas pedagógicas. Assim, perpetua-se um ciclo de exclusão no qual determinados conhecimentos da cultura corporal permanecem fora da escola não por falta de potencial educativo, mas pela ausência de condições formativas que possibilitem sua apropriação.

Ao mesmo tempo, os resultados demonstraram que essa realidade não é imutável. A realização das oficinas possibilitou que os participantes ampliassem sua compreensão acerca do surf, reconhecendo-o como um conteúdo legítimo da Educação Física escolar e identificando diferentes possibilidades para sua abordagem pedagógica. A apropriação de conhecimentos históricos, culturais e técnicos da modalidade contribuiu para que os estudantes passassem a visualizar formas concretas de ensinar o surf mesmo sem a presença do mar, compreendendo que o conteúdo vai muito além da prática esportiva realizada em seu ambiente natural.

Outro aspecto relevante observado durante a pesquisa foi a mudança na percepção dos participantes sobre os próprios limites para o ensino desse conteúdo. Se, inicialmente, predominavam discursos relacionados à falta de estrutura, de experiência e de formação, ao final das oficinas foi possível identificar maior segurança para planejar e desenvolver propostas pedagógicas envolvendo o surf. Tal movimento reforça a importância do acesso ao conhecimento sistematizado e evidencia que muitas das barreiras apontadas pelos participantes estavam menos relacionadas à impossibilidade de ensinar o conteúdo e mais à ausência de oportunidades para conhecê-lo durante sua formação.

É importante reconhecer, entretanto, as limitações deste estudo. Inicialmente, esperava-se a participação de aproximadamente vinte estudantes nas oficinas pedagógicas. Apesar da divulgação realizada, o número de participantes foi inferior ao esperado, o que reduziu o alcance da investigação. Além disso, a pesquisa esteve restrita a um contexto específico e não contemplou a vivência da modalidade em seu ambiente natural, aspecto que poderia ampliar ainda mais as análises acerca da aprendizagem e das percepções dos participantes.

Contudo, mesmo com essas limitações, os resultados encontrados foram suficientemente relevantes nesse momento para evidenciar um problema que não pode ser ignorado. A pesquisa revelou que a negação do conhecimento relacionado ao surf não ocorre apenas em situações pontuais, mas se manifesta ao longo de todo o processo formativo, desde

a Educação Básica até a formação inicial na licenciatura em Educação Física. Tal constatação exige uma reflexão crítica sobre quais conhecimentos têm sido selecionados para compor o currículo e quais continuam sendo sistematicamente excluídos dos processos educativos.

Defender a presença do surf na escola não significa defender a substituição de outros conteúdos, mas questionar uma lógica curricular que historicamente restringe o acesso dos estudantes a um conjunto limitado de práticas corporais. Se a função social da escola consiste em socializar o conhecimento historicamente produzido pela humanidade, torna-se necessário problematizar por que determinados conteúdos continuam ocupando posição periférica nos currículos, mesmo quando possuem relevância cultural, social e educativa reconhecida.

9. REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

CASTELLANI FILHO, Lino et al. **Dicionário crítico da Educação Física**. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2012.

DUARTE, Newton. **Os conteúdos escolares e a ressurreição dos mortos: contribuição à teoria histórico-crítica do currículo**. Campinas, SP: Autores Associados, 2016.

GALVÃO, Ana Carolina; LAVOURA, Tiago Nicola. Educação Física escolar e formação humana: contribuições da pedagogia histórico-crítica. In: LAVOURA, Tiago Nicola; MELLO, André da Silva; BARROSO, André Luiz Ruggiero (org.). **Fundamentos da Educação Física escolar**. Campinas, SP: Autores Associados, 2019.

GAMA, Carolina Nozella. **Princípios curriculares à luz da pedagogia histórico-crítica: contribuições para a Educação Física escolar**. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Prática de esporte e atividade física: 2015**. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

LIGIA MÁRCIA MARTINS. **Desenvolvimento do psiquismo e educação escolar: contribuições à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica**. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

MARTINS, Ligia Márcia. **Psicologia histórico-cultural, pedagogia histórico-crítica e desenvolvimento humano**. Campinas, SP: Autores Associados, 2019.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br>. Acesso em: 13 maio 2026.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PAULO NETTO, José. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

PICCHETTI, Carolina. **A caracterização dos conteúdos da Educação Física escolar na perspectiva da pedagogia histórico-crítica**. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 27. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1988.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 10. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

SOARES, Carmen Lúcia et al. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

TAFFAREL, Celi Nelza Zulke; ESCOBAR, Micheli Ortega; FRANÇA, Tereza Luiza de. Educação Física: teoria e prática. **Motrivivência**, Florianópolis, ano 7, n. 8, dez. 1995.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

.